

## Inocência Mata: a essência dos caminhos que se entrecruzam

Estudiosa incansável das literaturas africanas de língua portuguesa, Inocência Mata revela-nos, na sua postura crítica, a diversidade que permeia a sua própria origem e trajetória pessoal. Nascida em São Tomé e Príncipe, traz consigo o estigma da travessia que se consolidou com seus ancestrais angolanos, brasileiros, ciganos e são-tomenses. Dessa pluralidade de raízes resultou uma atitude crítica sempre inquieta que se preocupa e destaca a importância da diversidade e das identidades no campo dos estudos literários.

Inocência Mata é docente na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde leciona Literaturas Africanas, Literaturas Pós-coloniais Comparadas e Multiculturalismo e Dinâmicas Interculturais. Para além das publicações em que participou como organizadora e coordenadora, destacamos alguns de seus trabalhos, tais como *Emergência e Existência de uma literatura: o caso santomense* (1993), *Diálogo com as Ilhas: sobre cultura e literatura de São Tomé e Príncipe* (1998),

*Literatura angolana: silêncios e falas de uma voz inquieta* (2001), *Laços de memória & outros ensaios sobre literatura angolana* (2006) e *A literatura angolana e a Crítica Pós-colonial: reconversões* (2007).



Foto: Bruno Barata, Novo Jornal, Abril/08

Por Alzira Sousa Santos, Badou Robert, Flávia Merighi Valenciano, Genivaldo Sobrinho. Transcrição e revisão Ana Carolina Belchior de Jesus, João Luiz Peçanha Couto, Lisângela Daniele Peruzzo. Entrevista realizada por Débora Leite David em Lisboa (12 de setembro de 2008).

**Revista Crioula** - Gostaríamos que nos falasse sobre sua trajetória pessoal: onde nasceu, como se deu a sua formação intelectual e quem a estimulou a seguir os caminhos da Literatura.

**Inocência Mata** – Não gosto muito de falar de mim, sabe? Nasci em São Tomé e Príncipe, mais particularmente na ilha do Príncipe. Saí de lá muito pequenina, ainda bebê, por isso fui conhecê-la muito tempo depois, já adulta. Vivi em São Tomé e Príncipe, Angola e hoje vivo em Portugal, onde me formei. Esta é a minha trajetória, que é também a trajetória de certa forma da minha família. Veja: tenho um avô angolano de origem cigana, uma avó são-tomense, uma avó do Príncipe, um avô do Príncipe com raízes no Nordeste brasileiro e uma avó de São Tomé. De maneira que sou também, de certa forma, o resultado disso. O meu percurso talvez corresponda a essa essência migratória da minha família.

A minha família, principalmente o meu pai, teve um grande papel na minha formação. As relações da minha casa já eram muito diversificadas e, de certa forma, muito programadas. Nós liamos muito. Meu pai foi um nacionalista, o que fez com que realmente desde pequena eu tivesse olhado o mundo de forma um pouco menos ingênua, do que, possivelmente, meus colegas. Mas devo dizer que, intelectualmente, comecei a formar-me em Angola e esse percurso intelectual tomou rumo definitivo (em termos de opções ideológicas profundas) em Portugal, onde tive professores e relações muito importantes. Tive professores maravilhosos nesta casa [ela fala da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa]. Tive a sorte de ter tido muito bons professores aqui e particularmente um que foi, posso dizer, uma espécie de mestre. Sobretudo, aprendi com ele a humildade no saber. Falo do professor Manuel Ferreira. Por isso, não suporto gente arrogante que pensa que sabe tudo, e que aquilo que sabe é a última verdade; de gente que não aceita uma discordância e que saca da cartola todos os livros e honrarias – reais e imaginárias.

E tive outras relações com Mais-Velhos com quem aprendi muito. Sobretudo aprendi mais a forma do que o conteúdo. Aprendi o que é que um mestre deve passar aos seus discípulos. Os conteúdos estão sempre em mudança: basta arranjar, digamos, um sistema e uma epistemologia para se chegar a isto. É isto o que penso que um professor deve passar ao aluno. Quando ele consegue passar isto, penso que o professor se transforma em mestre. E tive, então, mestres como o Prof. Manuel Ferreira, Mário Pinto de Andrade, Prof. Fernando Cristóvão, Prof. Benjamim Pinto-Bull. Portanto, tive mestres. São pessoas com quem convivi. O Prof. Benjamim Pinto-Bull e o Mário Pinto de Andrade, por exemplo, nunca foram meus professores, mas com eles aprendi, sobretudo, algo que penso que falta muito na nossa área de Estudos sobre África: humildade!

**Revista Crioula** – Conte-nos sobre seu percurso acadêmico como professora e pesquisadora da área de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa.

**Inocência Mata** – Bem, logo depois do 25 de Abril, mesmo no Liceu, houve aquele momento de uma visão entusiástica, aquilo era *nosso*. Mas, de fato, o estudo sistemático e sistematizado foi feito em Portugal, aqui na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, com o Prof. Manuel Ferreira, que, como sabe, foi o introdutor desta cadeira de *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa* – era assim que se chamava na universidade portuguesa. Portanto, a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa foi pioneira do estudo das Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa, designação com a qual eu não concordo, mas que na altura realmente foi uma grande revolução. Muita gente pensava, e ainda pensa, ainda vê as literaturas africanas como literaturas ultramarinas, como um apêndice da literatura portuguesa. Até há pouco tempo, havia uma universidade em que essa era a designação...

**Revista Crioula** – Aqui em Portugal?

**Inocência Mata** – Sim. Portanto com a introdução desta cadeira no currículo acadêmico, uma cadeira de *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa*, foi que realmente a academia e as pessoas começaram a olhar para estas literaturas como produções dignas – aqui em Portugal obviamente, pois lá em África já olhávamos como literaturas diferentes, autônomas, não como literatura regional. Mas de forma ainda muito suspeita. Há, de certa forma, na área de Literaturas Africanas, determinadas atitudes que acabam por corroborar essa idéia de que as literaturas africanas são literaturas menores. Porque quando se pensa que basta ler cinco livros, basta conhecer os escritores, basta ser amiga deles para ser “especialista”, torna a área “menor” porque a folcloriza. Há muito folclore nesta área – no pior sentido deste termo! No campo da literatura brasileira e da literatura portuguesa, por exemplo, as pessoas não admitem isso. Há todo um percurso de mestrado, doutoramento, pós-doutoramento, quase é preciso um percurso de investigação de uma vida para as pessoas serem reconhecidas como especialistas de Literatura Portuguesa ou de Literatura Brasileira. Mas na área das literaturas africanas, tal não acontece. Lêem-se cinco livros e já se é especialista. Esse é um atestado de menoridade à área, mesmo que involuntário. Mas, enfim, esta é uma outra questão.

**Revista Crioula** – Até mesmo provocando uma generalização da literatura através do estudo do mesmo autor.

**Inocência Mata** – Exatamente. Pois, quando as pessoas pensam, quando falam, na África... As pessoas não dizem “na Europa”, elas dizem “em Portugal”, “na Espanha”, “na Inglaterra”. Quando afirmam que conhecem um país africano, já acham que podem falar da África toda. Essa é a digressão: os pretos são todos iguais. Ao que eu costumo dizer sempre: os pretos não são todos iguais. Assim como os brancos não são todos iguais. É verdade que há um desconhecimento, mas não

é só desconhecimento. É precisamente um preconceito sobre a falta de complexidade desses sistemas culturais. A idéia de que esses sistemas culturais não são sistemas tão complexos quanto outros sistemas culturais. É uma visão preconceituosa das civilizações africanas, sem sombra de dúvida.

Isso acontece possivelmente também em África. Outro dia, eu estava precisamente a comentar como os “nossos” jornalistas (por “nossos” quero significar africanos), lidam com as notícias. Por exemplo, se cai um avião na Nigéria, a Reuters ou a France-Presse diz assim: *há um holandês, dois britânicos, três franceses e vinte africanos*. De vários lugares, portanto. A questão é que nossos jornalistas pegam essa notícia e retransmitem-na nestes termos. Inaceitável. Nós, de certa forma, reproduzimos os estereótipos do colonizador, do dominador, do “centro”. Porque, aí já concordo de certa forma com Aijaz Ahmad, ou para citar um africano, como Joseph Ki-Zerbo: nós nunca nos libertaremos científica, técnica e tecnologicamente, se nós *naturalizarmos* o nosso lugar de periferia. Mas também os estudiosos latino-americanos dizem o mesmo: a “teoria da dependência”...

**Revista Crioula** – Voltando à questão da consolidação da disciplina de *Literatura Africana de Língua Portuguesa*, a professora entende que em Portugal já é uma cadeira obrigatória, já está consolidada?

**Inocência Mata** – Nos cursos da variante do Português é uma cadeira obrigatória. É verdade que tem um espaço menor do que tem a *Literatura Brasileira*, o que acho que não deveria, mas realmente é o que tem acontecido. Porque são cinco literaturas. Aí está. As pessoas continuam a aplicar *Literaturas Africanas de Língua Portuguesa*, mas elas são cinco – embora já haja consciência disso.

**Revista Crioula** – Sabemos que as literaturas angolana, moçambicana e cabo-verdiana já possuem um sistema literário, de certa forma, consolidado. Como podemos situar as literaturas de São Tomé e Príncipe e da Guiné-Bissau? Falando dessa especificidade de cada país, podemos considerar estes dois sistemas literários consolidados?

**Inocência Mata** – Claro. A questão é que nós continuamos a pensar a África a partir do olhar da ex-metrópole. Estudar a África pelo prisma do ex-colonizador é um crime intelectual. O fato de um escritor não ser publicado em Portugal não quer dizer que ele não exista. As pessoas não conhecem, e eu já não aceito essa história de que é difícil conseguir os livros. Um bom investigador não pode passar a vida a dar essa justificação. Já não é explicação, é justificação. Desculpe, a sua formulação, pondo em causa a existência desses sistemas é disso um exemplo. Gosto daquela afirmação do vosso Antonio Candido acerca da literatura brasileira: “Comparada às grandes, a nossa literatura é pobre e fraca. Mas é ela, não outra, que nos exprime”. É isso.

Existe pois, nestes países, um sistema consolidado com livros que estão publicados. Dir-me-ão: mas não se consegue ter acesso aos livros. Pois não, porque a circulação de bens culturais não é uma realidade entre os nossos países. Mas algum são-tomense lembra-se de pôr em causa a vitalidade literária do Brasil? Claro que não. Levava logo o rótulo de ignorante. O que o Brasil conhece? Apenas o que é publicado em Portugal. É só o que o Brasil conhece. Não conhece os muitos escritores que são publicados em Angola, em Cabo Verde e em Moçambique, para falar dessas três literaturas, que, parece são as únicas tidas como de “sistemas consolidados”, as únicas estudadas. O que nós vemos é que os escritores que não são publicados em Portugal não são estudados. Salvo raríssimas exceções. Portanto, continuam a ver as literaturas africanas, a ver a África pelos olhos da ex-metrópole. Na minha perspectiva, isto é inaceitável.

Há grandes poetas angolanos que não são conhecidos no Brasil. Digo Brasil, pois estou a conversar consigo, que é brasileira. Eles não são conhecidos no Brasil porque não são publicados em Portugal. Eu pergunto: por que tem que ser assim? Já ouvi algo perverso (claro que respondi, como pode imaginar): que os bons é que são publicados em Portugal! O que é isso? É a Caminho que diz quem são os bons e os que não são? É a Dom Quixote que diz quem são os bons e os que não são? Não sou contra, não é isto que está em causa, o que está em causa é considerar que só esses existem. Claro que se ouve o estafado critério do mérito. Quanto a isso remeto para as excelentes observações que respondem a esse argumentário sobre as desigualdades aqui, no Brasil, quanto à visibilidade sociocultural do segmento negro...

Ademais, já alguém parou para conferir quais são os escritores africanos privilegiadamente publicados em Portugal? Pois convido a essa observação e talvez descubram que se trata sobretudo de escritores lusodescendentes. Será porque, devido à sua origem mestiça, podem erigir-se a representações metonímicas da dimensão transfronteiriça da cultura portuguesa e da vocação atlântica de Portugal? Não se trata de observação beligerante, é tão somente a amarga lucidez de uma situação de dominância etnocultural.

Voltando à questão, é óbvio que quase não existem estudos de escritores de São Tomé e Príncipe ou da Guiné-Bissau. Mesmo em Cabo Verde podem-se contar os escritores que são estudados. Pouquíssimos. Fala-se muito da literatura no feminino. E Cabo Verde tem uma produção de mulheres que não se conhece porque ela, essa produção, não é publicada em Portugal. Uma produção extraordinária de autoria feminina. Romancistas, contistas, quem é que conhece? Elas são publicadas em Cabo Verde e ficam lá. Por isso, o investigador não pode encher a boca e dizer que não existe. Aquele que para o investigador não existe, continua a existir.

Portanto, é verdade que Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe não têm a produção que tem uma Angola. É uma questão, enfim, de números. Em São Tomé são 160 mil e os angolanos são 14 milhões...

É a mesma coisa: vocês são, no Brasil, quase 190 milhões e em Portugal são 10 milhões. Portanto, é uma questão mesmo de números. Um amigo português dizia que os chineses ganharam muitas medalhas, por ocasião dos Jogos Olímpicos, e os americanos também. Lamentando-se, talvez. Disse-lhe (na tentativa, talvez, de apaziguar o seu sentimento patriótico): ouve, só uma província da China, uma provinciazinha, tem o dobro dos habitantes de Portugal. Como é que os portugueses querem ter tantas medalhas quanto os chineses? Não dá! O número conta também. É verdade que existe, comparativamente, pouca produção em relação a Angola. Mas é um sistema consolidado. Eis a razão pela qual eu, ultimamente, quase que como uma finalidade muito programática, tenho estudado muito a literatura são-tomense. Para dizer que existe, que existem romances, que existem livros de poesia, que não são divulgados em Portugal. Penso que é algo que falha aos países de língua portuguesa: circulação de bens culturais. Tenho um amigo que diz que falo tanto disso que as pessoas já não ligam. Volto a dizer: acho que se deve repetir o óbvio.

Devia haver uma forma mais eficaz, os poderes deviam preocupar-se realmente em fazer circular a produção cultural. É isso que nos aproxima e não os negócios e os acordos comerciais. O que é que circula? O que as pessoas conseguem através da *Amazon.com*. E vê-se que há um livro que foi publicado do Pepetela, entra-se na *Amazon* e pede-se o livro. Outro livro da Paulina Chiziane, entra-se na *Amazon* e consegue-se o livro. No entanto, acho o seguinte: nós vivemos no mundo, dizem, das autoestradas da informação, da *internet* e as pessoas devem procurar saber, mesmo que não tenham acesso, o que saiu.

A imprensa desses países faz-se também com jornais digitais. Esta informação está lá. A informação de que foi publicado um livro de Malé Madeçu, *Retalhos do massacre de Batepá*, a informação de que foi publicado um livro em Cabo Verde. Mesmo que não tenham como entrar no *Amazon* e conseguir, há que saber que existe. É o que eu faço. Quando quero estudar algum tema específico, por exemplo, quis estudar essa questão do cosmopolitanismo. Entrei na internet e vi quem escreveu sobre o tema, mesmo que não tenha acesso logo aos livros. Portanto, as pessoas têm que investigar. Não podem ficar só à espera que os livros lhes cheguem. É isto um investigador. Sei que estou a ser antipática, mas não me está a entrevistar para eu ser simpática, pois não?

O que me incomoda muitas vezes é que nem sabem que existe. Por exemplo: Aíto Bonfim, escritor são-tomense, que não é um escritor tão jovem assim, tem 55 ou 53 anos. Muitos não o conhecem, mas é um escritor maravilhoso. É dramaturgo, tem três peças de teatro, tem dois livros de poesia, um romance. Um escritor, na minha perspectiva, um dos melhores. Pois não o conhecem.

Agora, é realmente a literatura são-tomense uma literatura consolidada, é pena que não tenha a condição de uma Angola, que é uma das maiores produtoras. Realmente lá existem muitos editores, existe uma política do livro em Angola. Claro que isso não quer dizer que tudo que as pessoas fazem é bom. Obviamente que não é. Assim como também aqui em Portugal, nem tudo que se publica é bom. Ou como no Brasil. Estou convencida de que um sistema literário não se alimenta apenas de Saramagos. Um sistema literário não se alimenta apenas de João Ubaldo Ribeiros. Alimenta-se também de todos esses outros. Porque ser bom ou não também é muito isso. Pois, muitos dizem que a pessoa tem que ser boa em qualquer parte do mundo. Não discordo, mas uma tal afirmação não pode ser o discurso do absolutismo. Como há a Elle Macpherson que é considerada lindíssima,

ponham-na num país africano em que as pessoas estão acostumadas a outro tipo de beleza, como por exemplo mulheres com um pouco mais de carnes: continuará ela a ser a mais bela das mulheres?!

Portanto, o estético é universal na sua percepção, mas não na sua substância. É isso o que quero dizer. Há livros considerados maravilhosos que não consigo ler. Não é verdade? E há filmes maravilhosos de que não gostamos. Por isso estou farta desta história de *universal*. Não sei por que estas pessoas consideram que tudo é *universal*, não sei por que se insurgiram contra Harold Bloom, quando ele escreveu o seu *O Cânone Ocidental* e escolheu vinte e seis escritores, dos quais uma mão não era de literatura ocidental...

**Revista Crioula** – Você teria alguma sugestão de livro para indicar aos alunos sobre São Tomé e Príncipe e Guiné-Bissau, sobre o sistema literário ou que realmente se debruce sobre as literaturas desses países?

**Inocência Mata** – Para começar, sobre a literatura da Guiné-Bissau indicaria o da Moema Augel, *A nova literatura da Guiné-Bissau e O Desafio do Escombro*. Sobre São Tomé e Príncipe, embora com pudor, indico livros meus sobre a literatura são-tomense, *Emergência e Existência de uma Literatura: o Caso Santomense* e *Diálogo com as Ilhas: sobre Cultura e Literatura de São Tomé e Príncipe*, de 1998. É somente sobre a literatura são-tomense, que é, volto a repetir, uma literatura consolidada e muito interessante.

**Revista Crioula** – Está em vigor desde janeiro de 2003 a Lei n. 10.639, que torna obrigatório o ensino de Literatura, História e Culturas Africanas e Afro-Brasileiras nas escolas do Brasil. Que comentários a Professora teceria a esse respeito?

**Inocência Mata** – Acho bom. Só lamento que tenha partido de uma portaria. Isso deveria ser algo que viesse como uma necessidade do próprio intelectual brasileiro, do próprio brasileiro sentir que precisa estudar um mundo que constitui uma parte de onde provém um segmento importante da sua nação. Porque os afrodescendentes são uma parte importante da nação brasileira. Realmente o que era estudado, era numa perspectiva bastante cristalizada, numa visão muito mitificada até de África. O que não valorizava o diálogo. O que não permitia realmente um diálogo intercultural.

Eu acho muito importante que os brasileiros conheçam a história das culturas africanas. Acho importante que todos os povos conheçam as culturas todas, mais particularmente aqueles que, de certa forma, são muito ligados a si próprios.

**Revista Crioula** – No texto “Sob o signo de uma nostalgia projetiva: a poesia angolana e a poesia pós-colonial” a Professora afirma que, no período colonial fascista, a produção literária fez-se em diálogo com a ideologia libertária, mas que hoje as motivações dos atores da escrita são outras. Fale-nos um pouco sobre quais seriam essas motivações. Será que a tendência para o passado como “traço característico da imaginação utópica” subsistirá ainda por muito tempo?

**Inocência Mata** – Acho que as motivações mudaram, mas não sei se os objetivos mudaram. Estou convencida de que as literaturas africanas ainda são literaturas em que as questões essenciais, fundacionais, ainda estão presentes: a discussão sobre a nação, as identidades, as relações internas, o lugar de cada grupamento cultural dentro da nação. Penso que estas questões, que já vinham no discurso nacionalista e que realmente eram do programa imediato da libertação política, ainda continuam na construção do país novo. E era uma libertação política que se fazia também através da libertação cultural. Então, penso que se mantém.

As estratégias mudaram porque, enquanto no discurso nacionalista havia, digamos, uma visão necessariamente maniqueísta, “nós” e os “outros”, oprimidos e opressores, colonizados e colonizadores, bipolarização essa normal em qualquer discurso nacionalista, o que nós vemos hoje é uma reflexão a partir de *dentro* sobre os nossos problemas. Porque a escrita só aparece em momentos de insatisfação, de inquietação, e a reflexão sobre a nação, sobre a sociedade é uma reflexão que se faz tendo em conta o xadrez interno, não o xadrez externo, mas sim os nossos problemas. Não quero com isso dizer que o agente externo não tenha influência ou não exerça ação sobre o xadrez interno. O que quero dizer é que, na obra de Aíto Bonfim, na obra de Pepetela, na obra de Mia Couto, se nós virmos bem, o que vemos é realmente um olhar interno sobre as relações internas de poder. Nessas relações internas de poder, portanto, já não existe a dicotomia colonizado/colonizador, mas existem os vários agentes internos. Assim, os “mesmos” que, entretanto, têm para com os “mesmos outros”, relações coloniais. Um colonialismo sem colonos, para parafrasear Mia Couto naquele apontamento reflexivo sobre “Lusofonia: história ou conveniência?”.

Portanto, a grande viragem que se dá na escrita é precisamente essa internalização do olhar. Começa, por exemplo, com *Mayombe*. Os dissensos eram internos, as dissonâncias eram internas. Acho que Pepetela é, de fato, um escritor que *escreve* a nação e que vai perseguindo os vários momentos do país. Começa em *Mayombe*, passa por *A geração da utopia* e *O desejo de Kianda* e chega a *Predadores*, que é realmente um romance em que há uma encenação de uma completa distopia. Para já, que aquele indivíduo tenha sido catapultado, tendo sido quem foi, o Caposso, para um empresário de sucesso, isso só se compreende numa sociedade em que a ética do ter impera sobre a ética do ser e toda a ética das relações humanas. Já não digo morais, pois não gosto de ser tomada como moralista, mas é sintomático o fato de o

romance ter começado com o assassinato de uma amante de Vladimiro Caposso, muito mais jovem que ele, enfim (mas também não quero entrar por aí) e que facilmente ela tenha podido encenar uma autoria de motivação política. Mas o certo é que realmente toda essa promiscuidade entre os vários poderes, que nós vimos desde *A geração da utopia*, faz com que uma personagem com tão pouca ética (veja o oportunismo com que ele muda o nome, de José para Vladimiro) tenha sido cooptada pelos novos agentes, pelo neoliberalismo selvagem, tenha singrado e essa mesma personagem tenha sido trucidada depois por outro predador. Penso que, se acompanharmos esse percurso desde *Muana Puó*, podemos encontrar vários momentos do país na obra de Pepetela, pelo menos desde os anos 1960 até a atualidade, sem contar que, em *A gloriosa família*, ele vai muito mais para trás.

Veja outro exemplo: a obra de Conceição de Lima, que é poetisa, dialoga de forma muito tensa com os fundadores do sistema, e particularmente com Francisco José Tenreiro e Alda do Espírito Santo. Um diálogo em que ela quase invectiva a forma tão veemente essa visão inefável do são-tomense, do crioulo que transita de forma muito harmoniosa entre esses dois mundos. Um diálogo muito tenso, e estou à espera do terceiro livro dela, *No país de Akendengue*, sobre o qual não posso falar, pois ainda não foi publicado, que é realmente um regresso. Se em *A dolorosa raiz do Micondó* ela regressa aos tempos imemoriais da África, nesse seu último livro, no prelo, ela regressa física e geograficamente. Então, de certa forma, estilhaça essa visão de Francisco José Tenreiro, que vimos em *Ilha de nome santo* e continuamos a ver em *Coração em África*, pois se trata de coração “em África”, mas “na Europa”.

**Revista Crioula** – Ainda falando a respeito de literatura e crítica guineense e são-tomenses...

**Inocência Mata** – Já que falávamos da pouca visibilidade da literatura guineense, que volto a dizer, não é uma literatura tão prolífera quanto a literatura angolana ou sequer a caboverdiana, acho que valeria a pena citar Odete Semedo e seu último livro, *No fundo do canto*, que é poesia, mas que é, sobretudo, uma grande narrativa épica em que ela toma como matéria literária o momento histórico que ela fixa a guerra civil de 1998, há 10 anos, uma guerra insólita que começou em junho de 1998. Então, nós vemos todo esse processo de desintegração numa guerra que demorou pouco tempo, comparada com a guerra em Angola e Moçambique, que a autora expõe em as várias cidades (mais do que cidades são comunidades imaginadas), e o que estava a acontecer naquele momento. Um interessante diálogo entre história e ficção.

**Revista Crioula** – Na literatura angolana, principalmente, a relação História-Literatura é muito relevante, e a fortuna crítica trata bastante dessa questão. Como a Professora avalia o resgate da memória histórica do indivíduo para o processo de reconstrução-transformação da Nação?

**Inocência Mata** – A memória individual é fundamental. Uma vez ouvi de um escritor que só escreve sobre o que conhece. Porque o escritor que tenta escrever sobre o que não conhece... Normalmente dá errado. Quem me disse isso foi Pepetela. O que ele conhece está na sua memória individual e ele pode, é verdade, verificar, pode computar como memória coletiva, mas é a sua memória individual. E ela é tão legítima! Amadou Hampâté Bâ\* faz uma afirmação que acho excelente: “existem três verdades: a minha, a tua, e a verdade que está no meio e não pertence a ninguém”.

---

\* Intelectual maliano, autor da famosa afirmação: “Em África quando um velho tradicionalista morre é uma biblioteca inexplorada que se queima”.

Realmente, a memória individual é importante. Por exemplo, *As visitas do Dr. Valdez*, de João Paulo Borges Coelho, é um exemplo disso. Tenho a certeza de que há muitos moçambicanos que não se revêm naquele mundo das duas irmãs, Sá Amélia e Sá Caetana, porque é um mundo específico de mestiças de uma classe e de uma mentalidade, e que vivem, ostensiva e orgulhosamente à parte da maioria dos moçambicanos. Mas aquela memória é tão válida quanto outra. E o que nós vemos em *As visitas do Dr. Valdez* é uma reconstituição de um processo de reagenciamento afetivo pós-independência. São duas irmãs que se isolam em sua casa, porque não conseguem entender as transformações de um Moçambique independente. É obvio que não é a vivência da maioria, pois a maioria estava feliz com o Moçambique independente. Essa é uma vivência tão válida quanto outra, mas não pode representar o todo. Onde é que pode estar, na minha perspectiva, a perversidade? É tomar essa parte como o todo. E isso, às vezes, os críticos fazem – tomam a parte pelo todo e generalizam: a África é o que diz o escritor A ou B! Acho que talvez a responsabilidade esteja mais do lado do crítico do que do escritor que escreve sobre aquilo que ele conhece, se fosse o contrário não iria escrever. Essa frase de Pepetela é alguma coisa como o “ovo de Colombo”: o escritor escreve sobre aquilo que conhece. Pelo menos devia ser assim, nem sempre é, é verdade.

Cabe ao crítico situar o que ele conhece, o que está a ler dentro de um sistema e não isolar; olhar o sistema a partir disto. A memória individual, a vivência é importantíssima, é legítima e é válida. Se não o fosse, o escritor não estaria a ser escritor, ele estaria a ser um ensaísta, um cientista social, e não é para sê-lo. Quando leio um escritor, não estou à espera de que ele me dê informação. Estou, sim, à espera de que ele me desperte para questões a que chegarei procurando informação em outro lado. São duas modalidades de conhecimento: uma mais prazerosa, outra mais reflexiva. Por isso, quando estou a ler um ensaio, leio com um lápis, quando estou a ler um romance, leio

deitada no meu sofá para me deleitar. Literatura tem que ter “doce”, se não é “doce” não vale a pena. Já Horácio o dizia.

**Revista Crioula** – Observamos que existe também uma parte do seu trabalho acadêmico voltado para as questões do feminino. Como a Professora definiria o conceito de “feminismo negro-africano”?

**Inocência Mata** – Não acredito que já tenha falado em “feminismo negro-africano”. Nem bem o que seja, mas enfim. Quando falo da escrita no feminino, essa escrita não é necessariamente feminista. Entendo feminismo no sentido de que existe um programa de ação que vive a transformação do estado da condição feminina. Entendo que as consequências possam ser *feministas*, mas não entendo, por exemplo, isso em todos os romances de Paulina Chiziane. Bem, não adianta ela dizer que não escreve romances, que escreve histórias. Ela é romancista e pronto. Ainda estou a acabar de ler o seu *O alegre canto da perdiz*, então não vou falar desse livro. Não gosto de falar de um livro que acabei de ler. Mas qual é o único livro da Paulina que acho que é feminista no sentido que propõe, tem uma proposta de ação? É *Niketché*. Todos os outros não são. São livros no feminino, sim, histórias contadas numa perspectiva feminina. No caso de *Ventos do apocalipse*, a guerra é vista pelos olhos de mulher, particularmente de Emelina, Minosse, Massupai. Os outros livros, tanto *O sétimo juramento*, quanto *Balada de amor ao vento*, são romances em que a situação da mulher é exposta. Não me parece haver neles uma proposta de como resolver, apenas a exposição dos meandros da condição subalterna da mulher. E no final? A mulher acaba como começou. Não me parece que exista também da parte do autor textual qualquer intenção para além disso. Onde existe, na minha perspectiva, essa postura, esse programa transformador é em *Niketché*. Porque aquela personagem, Rami, constrói uma estratégia, propõe essa estratégia às outras mulheres e no final elas libertam-se. O que considero libertação? É terem a opção que

elas não tinham. No final, elas tinham uma opção e cada uma delas optou por uma vida.

Para mim, falar da condição e da libertação feminina é a mulher poder optar. Ela opta por ser dondoca, e isso é uma opção dela, ninguém tem nada a ver com isso. É aí que discordo de algum feminismo. Vale a pena ler o que diz, a este propósito, Zora Neale Hurston. Não concordo que se pense que uma mulher emancipada seja aquela que faz isto ou aquilo, que tem este ou aquele percurso. Não. Para mim, liberdade consiste em poder optar, ter condições para fazê-lo. Pelo que optou, não tenho nada que ver com isso. Posso até achar que é uma opção burra, mas é uma opção. Por exemplo, a pessoa poder optar por um partido, votar num partido de direita, posso achar que votou mal, mas o voto é livre. Só *Nikette* considero um livro feminista nesse sentido, de que existe todo um processo que leva à libertação, entendendo por libertação a criação de condições para poder optar. E foi os que as mulheres de Tony fizeram.

Então, não acho que seja negro, porque acho que as condições de uma empresária africana nunca serão iguais as opções de uma empresária européia ou de uma americana. Onde inclusive essas mulheres são livres, livres no momento em que puderam optar.

Acho que existe de fato uma *escrita no feminino*, e que essa escrita não é, na minha perspectiva, apenas uma escrita feminista nem uma simples escrita de autoria feminina. Por exemplo, se estivesse a falar de *escrita no feminino* não incluiria, por exemplo, Alda do Espírito Santo ou Noêmia de Sousa. Uma coisa é produção de mulheres e outra coisa é produção **no** feminino. Aí, então, cabem Paula Tavares (emblemática), Vera Duarte, certa Paulina Chiziane e outras menos conhecidas como Ana de Santana, Maria Alexandre Dáskalos, Chô do Guri, Rosária da Silva, Isabel Ferreira – e estou apenas em Angola. A *escrita no feminino* (também evito falar em escrita feminina) é uma escrita que encena o mundo a partir da condição feminina. É por isso que eu digo: o que a

mulher escreve é o que o homem escreve, mas o olhar e a dicção não são os mesmos. Posso olhar o mundo de uma perspectiva, digamos, da maioria. Sendo que a maioria é, neste caso, masculina (maioria no sentido sociológico do termo) e posso olhar o mundo a partir do ponto de vista da minoria.

Faço parte de um grupo de trabalho que estuda, precisamente, relações interculturais, ou melhor, sobre perspectivas pós-coloniais nos estudos literários, antropológicos e históricos. Detenho-me nas relações culturais, com incidência na literatura, em Portugal. Ora, posso olhar Portugal a partir de dois prismas, como estávamos a ver hoje em nossa sessão. Se eu olhar Portugal a partir do prisma de uma minoria, imigrante, étnica, discriminada, portanto, esse conjunto que não tem lugar no sistema de decisões, Portugal não vai surgir com essa luminosidade de um país de liberdades essenciais.

O mesmo se passa com a mulher. Por exemplo, Paula Tavares. E o que faz ela? O livro da Paula Tavares *Ritos de passagem*, que, acho, continua a ser o seu melhor livro é de uma sensibilidade feminina extraordinária e ao mesmo tempo de uma racionalidade inventiva muito performativa. Ela utiliza a mesma substância para cantar o seu país e recorre aos elementos da sociedade e da cultura angolanas.

A mesma que utilizaram Agostinho Neto, António Jacinto, Viriato da Cruz, ou antes dela, João Melo e Botelho de Vasconcelos, apesar de serem mais ou menos da mesma idade. No entanto, através dos mesmos elementos e até dos mesmos recursos, ela traz outras agências. E quando ela utiliza flores e frutas, elementos da fauna, da flora e da sociocultura, ela traz à cena outros cheiros, sentidos, sons, enfim, outras sensações que compõem uma sinfonia sinestésica para falar da mulher, o que vai dar à mulher uma outra dimensão. A dimensão da não-opção, a dimensão do lugar da mulher quando o enunciador fala da abóbora e diz que depois é só esperar quer dizer que a mulher não tem outra saída. Ela só tem que esperar. Ela não tem opção nenhuma a

fazer. É obvio que é desse ponto de vista, na minha perspectiva, que se constrói esse feminino. O olhar e a encenação do mundo através da condição feminina.

Por exemplo, o que não me parece que faça Conceição Lima. Não estou a dizer que Conceição Lima tenha uma *escrita masculina*, não é isso. Estou a dizer que a condição feminina não é uma incidência da sua escrita. E nem estou a dizer que tenha que ser. A preocupação dela são as questões da identidade, da nação, das relações de poder, internas e externas, a condição periférica de determinados segmentos. Apesar de, ao falarmos de gênero, estarmos diante também de relações de poder, mas em outra perspectiva. No caso de Conceição Lima, há o *modus operandi* sociopolítico quando ela fala da relação desigual entre os vários segmentos da sociedade são-tomense. Isto, isto é, a construção de identidade dentro da dinâmica raça/etnia/gênero/classe, como relações de poder, constituem as várias instâncias do pós-colonial.